



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

UMA ANÁLISE SEMÂNTICA E ESTÉTICA A PARTIR DE UM VIÉS MODERNISTA NA OBRA: “COBRA NORATO”, ESCRITA POR RAUL BOPP.

Autores: LUDMILA SILVA SOUZA, LETÍCIA VERÔNICA MENDES VELOSO, LILIANE PATRÍCIA COSTA SILVA

Introdução

Uma criação literária se compromete a expressar uma ideia, um sentido. É atribuída por uma intenção comunicativa. Ela parte de um estilo, de uma linguagem que lhe cabe ser usada, de acordo com o seu contexto e gênero empregado. “O texto literário está imerso numa construção verbal ligada a um período e a um lugar específico.” (JUNIOR. Arnaldo Franco, 2003, p. 153.). E a literatura a qual se pretende abordar durante esse trabalho, se enquadra em um período histórico considerado moderno, já que se desenvolveu na primeira metade do século XX. No dizer de COUTINHO (1986), compreende-se por literatura moderna no Brasil, uma produção literária que se desenvolveu durante o Modernismo, esse termo, encontra-se atrelado a historiografia literária e se inaugura com a “Semana de Arte Moderna”.

Em seu livro: “A literatura no Brasil”, o pesquisador ressalta que o principal objetivo da Escola Modernista é trabalhar com a liberdade de pesquisa, de estética usada na produção literária. E um dos objetivos desse trabalho, é procurar mostrar a partir de uma semântica, estética e sintaxe analisadas, a ruptura com as tradições no livro: “Cobra Norato”, escrito por Raul Bopp em 1928, considerado um poema de grande importância do autor. Afrânio Coutinho ilustra muito bem em seu livro, a visão de Drummond acerca da obra de Bopp. A obra a ser estudada no presente trabalho, se insere no contexto histórico da primeira fase. Para o pesquisador, essa fase é da ruptura, executada pela geração de 22. “Uma geração revolucionária, tanto na arte quanto na política”. (COUTINHO, 1986, p. 90.).

Após ter sido deflagrado o movimento conhecido como Semana de Arte Moderna, esse se encarregou de confirmar o espírito literário do tipo renovador, que se encontrava em andamento. O estudioso ainda complementa que Oswald de Andrade em seu livro: “Os condenados”, fez uso de uma técnica que lhe é singular, original. Ronald de Carvalho em 1922, finaliza seu volume de poemas: “Epigramas Irônicos e Sentimentais”, abordava que o poeta deverá produzir o seu ritmo a cada instante”, assim ressaltou COUTINHO (1986) em seu livro: “A literatura no Brasil”, e por fim ainda colocou que Ronald de Carvalho em 1924 lançou o seu anátema: “Morra o futurismo ! O futurismo é um passadismo”, enquanto Oswald de Andrade divulgava o “Manifesto Pau Brasil”, nesse manifesto, defendia uma poesia destituída de metrificações. Embora saibamos que Ronald de Carvalho tenha participado do movimento modernista, mas o fato dele considerar o movimento futurista algo do passado, talvez destituído de alguma importância, isso se deve a sua valorização a escrita formal, típica da Escola Parnasiana.

O livro: “Cobra Norato”, em seu primeiro poema procura nos apresentar o objetivo do herói em partir a procura do seu amor com quem se pretende casar, nesse caso, a filha da Rainha Luzia. Vejamos algumas passagens desse 1º poema. “Um dia/ hei de morar nas terras do Sem-Fim/ vou andando caminhando caminhando / me misturo no ventre do mato mordendo raízes/ (...)/ Vou visitar a rainha Luzia/ quero me casar com sua filha” (BOPP, 2009, p.3).



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Nesse primeiro poema observemos o desejo do herói em percorrer a floresta Amazônica a procura do seu amor e esse desejo remete a um sonho presente na cobra que segue sua partida para as “ilhas decotadas” – as “terras do Sem fim”, conforme disse Bopp em seu poema. Por terras do “Sem fim”, nos referimos a um lugar presente no inconsciente do eu poético. Nesse 1º poema é notória a presença do onirismo. O que move o eu poético a sua partida às ilhas decotadas, são seus sonhos e fantasias, considerados uma característica da narrativa mítica e lendária. Ao adentrar-se a um mundo, em que tudo é possível, o eu poético segue com seu percurso a procura do seu amor e para realizar seu objetivo, estabelece um diálogo com a natureza, observa-a minuciosamente. Seus galhos, suas árvores, sua sombra, seus ventos, e rios, assim como a “selva imensa” que apresentava insônia, as “árvores que bocejavam” e por isso, eram consideradas sonolentas para o eu poético.

É através desse cenário que Bopp constrói sua narrativa, com frases curtas, palavras engraçadas, além de expressões carregadas por personificação, algumas dotadas de onomatopeias. Notemos que as frases curtas, destituídas de metrificação contribuem para uma leitura com ritmo rápido. O livro se constitui por uma presença marcante de uma linguagem oral unida a uma linguagem formal, essa última, provocadora de suspense ao seu leitor. No segundo poema essa linguagem alternada se faz presente. “Começa agora a floresta cifrada/ A sombra escondeu as árvores/ Sapos beijudos espiam no escuro/ Aqui um pedaço de mato está de castigo/ Arvorezinhas acocoram-se no charco/Um fio de água atrasada lambe a lama/ - Eu quero é ver a filha da rainha Luzia!” {...}. (BOPP, 2009, p. 5)

O termo "cifrada", no conjunto da narrativa, significa, apresentar-se, nesse caso, a floresta que se apresentava, demonstrava suas próprias ações a partir dos personagens que encontravam -se ao seu redor. Diante disso, a palavra “cifrada” que provém de “cifrar”, enquadra a uma linguagem formal, e por esse motivo, se opõe às expressões: “beijudos”, “pedaço” consideradas um registro da nossa oralidade. Discutindo a expressão: “ Sapos beijudos espiam no escuro”, percebemos que ao trazermos o enunciado para o âmbito da estilística, aqui já não ocorre a presença da personificação. O sapo no livro, é o próprio anfíbio que se escondia no escuro, entendido também como aquele ser quieto que vigiava seu local de moradia. Em contrapartida ao analisarmos a palavra “idiotas” na seguinte passagem: “Árvores de galhos idiotas me espiam”, aqui temos a palavra “idiotas” fazendo alusão a um elemento da natureza, e no entanto é considerada mais usual quando remete a alguém, a uma situação etc. Em meio a isso, observamos que, ora há um recurso conhecido por personificação, ora não há uma linguagem personificada, mas também não metaforizada. O recurso empregado será resultado da reflexão, da fantasia presente no eu poético durante o seu trajeto as “ilhas decotadas”. No décimo sétimo poema, mais uma vez, o eu lírico descreve a floresta. Assim ele coloca:

“A floresta vem caminhando

_ Abra-se que eu quero entrar!

Movem-se raízes com pernas atoladas

Águas de barriga cheia

espreguiçam -se nos igapós

O charco desdentado ruma lama

Uei! Aqui vai passando um riozinho

De águas órfãs fugindo

- Ai glu- glu- glu

não -diz - nada pra ninguém



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Se o sol aparecer ele me engole {...}" (BOPP, 2009, p. 24).

Nesse poema, o eu –lírico descreve a sua floresta e ao descrevê-la, demonstra-se interessado em fazer parte dela. Isso se confirma na expressão:” – Abra-se que eu quero entrar"! É como se o personagem estivesse interessado em adentrar a uma sociedade, a um grupo de pessoas. Ao entrar na floresta, se depara com raízes, com sua água, com o seu rio que foge para um lugar de maior tranquilidade. Quando o eu – poético se manifesta na seguinte passagem: “Uei! Aqui vai passando um riozinho/De águas órfãs fugindo- Ai glu- glu- glu/ não –diz – nada pra ninguém/ Se o sol aparecer ele me engole”{...}, ele procura metaforizar a nossa vida na zona urbana, com os nossos “altos e baixos”, procura remeter as situações inevitáveis que precisamos saber conduzir, para que possamos nos proteger. A expressão “águas órfãs fugindo” usada pelo eu poético, nos permiti fazermos uma comparação às crianças órfãs que fogem de uma situação conflituosa, em que há violência e a estratégia usada para buscar a proteção é a fuga.

Ao seguirmos com esse pensamento, confirmamos o quanto a obra é tipicamente moderna, não necessariamente por ela ter sido escrita no período literário conhecido como modernista, mas por nos proporcionar através do seu jogo de palavras, linguagem e recursos estilísticos empregados, uma liberdade de reflexão que está presente tanto naquele que a produziu com base em suas experiências, mas também no próprio leitor ao qual teve acesso.

Material e métodos

Essa pesquisa é do tipo bibliográfica exploratória, pois seu objetivo foi pautado em apresentar através da leitura da obra: “Cobra Norato” escrita por Raul Boop não somente acerca do cenário em que a obra foi construída, mas também realizar uma abordagem semântica e estética, adotadas pelo autor do livro. Diante disso, para realização desse trabalho, fizemos uso de referências bibliográficas que pudessem retratar acerca da temática sendo proposta.

Resultados e discussão

A partir da exposição do livro, mais precisamente sua semântica e estética adotada, verificou que –se que BOOP (2009), construiu sua narrativa a partir da sua experiência alcançada como viajante da floresta Amazônica . Além disso, a obra carrega consigo marcas de um regionalismo primitivo próprio do local onde o autor havia frequentado. A obra se resulta do olhar do pesquisador a selva Amazônica, em decorrência disso, o mesmo fez uso da sua liberdade de expressão na narrativa.

Conclusão/Conclusões/Considerações finais

Percebemos que a obra tratada nessa pesquisa devido ter sido escrita no período literário conhecido como modernista, nos proporciona através do seu jogo de palavras, linguagem e recursos estilísticos empregados, uma liberdade de reflexão que está presente tanto naquele que a produziu com base em suas experiências, mas também no próprio leitor ao qual teve acesso.

Agradecimentos

Agradeço a Deus primeiramente, por conduzir- me em todos os momentos da minha vida. As colegas Leticia e Liliane pela participação no trabalho. Aos professores da Unimontes, em especial os de Literatura por todo o conhecimento transmitido em sala de aula.

Referências bibliográficas

BOPP. Raul. Cobra Norato 27ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil. Vol III. T 1. Rio de Janeiro: São José, 1986.

FENSKE, Elfi Kürten. Ronald de Carvalho - *uma travessia poética*. Templo Cultural Delfos, janeiro/2013. Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/2013/01/ronald-de-carvalho-uma-travessia>>- Acesso em junho de 2018.

FRANCO JUNIOR, A. Formalismo Russo e New Criticism. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/presentation/314316108/Formalismo-Russo-e-New-Criticism>> Acesso em junho de 2018.

.MALUFE. Costa Tristão de Ataíde: uma ideia e um ideal de poesia. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/t00005.htm>> Acesso em junho de 2018.